

**PERCURSOS TOPOGRÁFICOS E
AFETIVOS PELA CIDADE DE SÃO PAULO
MEMORIALISTAS, VIAJANTES,
MORADORES, LITERATOS E POETAS¹**



MARIA STELLA BRESCIANI

*Historiadora, professora emérita da
Universidade Estadual de Campinas, coordenadora
do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre as
Cidades (Unicamp) e pesquisadora CNPq*

173

Como historiadora, onde construir pontes e diálogos com o trabalho de Maurício de Abreu, geógrafo e autor do livro *Evolução urbana do Rio de Janeiro*, cuja 1ª edição do final da década de 1980, ainda constitui referência para os estudos sobre esta cidade, e sobre cidades?

Ao iniciar seu estudo, Maurício buscou uma teoria que lhe permitisse avaliar a questão do “alto grau de estratificação social do espaço metropolitano do Rio de Janeiro, [onde encontrou] a expressão mais acabada de um processo de segregação das classes populares”, um processo de longa duração. Para tanto, deteve-se na explicitação da importância de se levar em consideração as práticas sociais e os conflitos entre as classes urbanas na luta pelo domínio do espaço que marca a ocupação do solo. Acolheu a noção de “periferização”, cujo significado fixou, para além do meramente espacial, quando a ele adicionou questões sobre o acesso aos bens e serviços, geralmente só disponíveis nas áreas mais privilegiadas das metrópoles.

Ao reler o livro, ver as imagens, em particular os mapas elucidativos das formas de ocupação do território, modos de segregação impostos por políticas públicas à significativa parcela da população, e a decorrente constituição de periferias e enclaves entre bairros localizados no perímetro urbano, pensei estabelecer sobre o mapa da cidade de São Paulo um diálogo com o geógrafo Maurício, mas do ponto de vista da historiadora.

Proponho, assim, acompanhar algumas narrativas de trajetórias pela cidade de São Paulo e me aproximar de uma proposta de percurso feita pelo arquiteto Joseph Rykwert em busca de “algum lugar na vastidão do espaço” urbano: “Mesmo correndo o risco de parecer superficial, vou considerar a cidade como ela se apresenta aos nossos sentidos e tentar uma leitura do que a sua aparência pode revelar ou esconder.” (RIK WERT, 2004, p. 6)

Ao optar por este ponto de vista, Rikwert cumpria a intenção de se colocar em contraponto ao que “sociólogos, especialistas em tráfego, políticos, economistas e futurólogos” escreviam sobre as cidades: “Lendo eles, sempre me surpreende quão pouco o tecido físico da cidade – o toque, o cheiro e até as revelações da cidade – ocupa a sua atenção.” (RIK WERT, 2004, p. 7)

174

Escolhi a cidade de São Paulo por ser a que mais conheço e com a qual mantenho fortes laços afetivos. Sou parte de uma segunda geração de imigrantes. Afinal, três dos meus avós chegaram à capital paulista na última década do século XIX e lá fizeram suas vidas. Minha opção afetiva tem, porém, a ver também com a afetividade por Maurício e com a dele pela cidade do Rio de Janeiro. Acolho sua sugestão sobre a base econômico-sociopolítica da cidade/sociedade e indago sobre as regras, no caso, as implícitas, das formas de apropriação do espaço urbano, como sugeridas pelos filósofos Walter Benjamin em *Infância em Berlim por volta de 1900* e Anne Cauquelin em *Ensaio de filosofia urbana*.² Decidi, pois, refazer algumas trajetórias narradas por diferentes pessoas cujos passos traçam topografias aproximadas ou dessemelhantes sobre o mapa em contínua expansão da capital paulista entre finais da década de 1880 e a de 1930, com resultados por vezes inusitados.

A tentativa de compor práticas e representações topográficas pela divagação/deriva pelas ruas foi inspirada numa conhecida afirmação de Walter Benjamin no texto citado:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Esta arte aprendi tardiamente. (BENJAMIM, 1987, p. 73)

Ao contrário de Benjamin, meu aprendizado de São Paulo foi juvenil, alegremente exploratório de partes da cidade nas idas e vindas de três diferentes bairros em que morei e a escola Mackenzie onde estudei dos 7 aos 19 anos, a Escola de Dança do Teatro Municipal, a União Cultural Brasil-Estados Unidos e os cinemas e bares frequentados nas horas de lazer. Um recorte privilegiado que permitiu deslocar-me a pé e em transporte coletivo. Andar por Higienópolis, Vila Buarque e depois Sumaré deu-me asas para divagar pelas ruas do centro em longas caminhadas. A atividade exploratória ampliou seu território depois para Brás, Mooca e Brooklin e avançou alguns anos depois pela Avenida Paulista, Vila Nova Conceição e Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Percursos constitutivos de uma história e do aprendizado pessoal desenhados no espaço da cidade compuseram a tessitura de uma fina rede simbólica de imagens, palavras, lugares e memórias difusas fixadas e dispersas em sucessivas fracturas e distorções, algo vivenciado como a “minha São Paulo”. Somente dei-me conta de mal conhecer a cidade mais tarde, ao levar uma pessoa até a Vila Guilherme. Como me deslocar da trajetória do aprendizado pessoal para o conjunto de trajetórias de pessoas plurais e às suas intransferíveis afinidades e identidades afetivas com uma cidade?

Walter Benjamin compôs a narrativa de sua infância berlinense compondo um quebra-cabeças algo disparatado e incompleto de lugares, momentos, eventos, objetos, sensações. Neste texto, tento expor como infindáveis trajetórias compõem um sistema de redes simbólicas que se cruzam, entrecruzam, se evitam, resistem, recortam a cidade, alguns tempos de uma cidade, São Paulo. Trajetórias constitutivas de culturas e consciências de grupos que, como afirma Cauquelin, desenham, até inconscientemente, uma topografia de “lugares” (Aristóteles), uma rede de forças definida por linhas de tensão e de atração, que embora qualifiquem o espaço em tempos e recortes específicos, vinculam-se a um sistema maior que lhes confere qualidade. (CAUQUELIN, 1982, p. 90)

A filósofa Anne Cauquelin afirma ser a cidade memória do passado que permanece na pedra, nos arquivos, nos documentos, nos escritos diversos, no estoque de modelos que alimentam o trabalho dos arquitetos e urbanistas, nas memórias compósitas dos que nela vivem. O tempo se mostra constitutivo do espacial, não um mero elemento de decoração, mas a dimensão precisa de uma particular urbanização. Como na arte cubista, diz a autora referindo-se a Giedon, todos os pontos de vista se oferecem simultaneamente sobre as duas dimensões do quadro. Tudo está no presente tal como um amálgama vivo da diversidade das memórias, de práticas pretéritas dos habitantes sob o ângulo de memórias ativas. (CAUQUELIN, 1982, p. 14)

A memória é um elemento arquitetural e um estruturante do urbano, e permite assinalar no mapa da cidade o “efeito constitutivo do tempo”, afirma Cauquelin. No capítulo “Les plis du temps”, a autora recorta entre as cidades, A Cidade, Roma a URBS, na descrição feita por Freud nas primeiras páginas de *Mal estar na cultura*. Freud (1929-1930) apresenta uma cidade composta por extratos superpostos e visíveis imaginaria e simultaneamente por alguém dotado de conhecimentos históricos: a primitiva “Roma quadrata” sobre o Palatino; o “Septimonium”, aglomeração de colônias sobre diversas colinas; a Roma de ServiusTullius cercada por um muro; e, enfim, na sequência das transformações por que passou sob a República e o Império, configura a cidade que o imperador Aureliano envolveu por muralhas. Para Freud, um visitante munido desses conhecimentos históricos e topográficos saberia reencontrar, hoje, os estágios primitivos, embora, esses lugares só exponham ruínas, autênticas ou reconstruídas após incêndios e destruições; pedaços e restos da Roma antiga submersos no caos de uma cidade que não cessou de crescer desde a Renascença. Com esta descrição, diz a autora, Freud aproximava metaforicamente o ser psíquico e seu rico passado, onde nada do que foi produzido teria se perdido e todas as fases recentes se compunham ao lado das antigas. Freud fez de Roma a ilustração pedagógica do universo interior do ser humano. (CAUQUELIN, 1982)

176

Ao retomar o modelo da Roma de Freud, Cauquelin diz podermos projetar a URBS sobre todas as cidades do mundo, invertendo, contudo, a direção: parte-se do urbano que emerge composto por nossas memórias acumuladas e transparentes, cuja secreta estrutura de leitura permitiria sua compreensão. Entretanto, a memória, nossas memórias, diz Cauquelin, não se nutrem do saber erudito que permite a escavação arqueológica imaginária de Freud; elas dispõem de limites fluidos, de detalhes que adquirem significado por se mesclarem a um conjunto de memórias outras. Apresentam-se como “pequenas memórias”, expõem como vivemos nossos espaços, fragmentariamente, com esquecimentos, lacunas, submetidos à força de opiniões das quais ignoramos, por vezes, a origem, e formam uma “[...] fina película que serve de tela e de suporte da vida social.” (CAUQUELIN, 1982, p. 27)

Poderíamos indagar a que ponto percursos individuais relacionados à classe social e a grupos específicos forneceriam um indicador estável para desenharmos nos mapas os limites, as camadas arqueológicas, as cidades justapostas? E o quanto, para uma classe social ou um grupo, a cidade seria, para além desses limites, uma nebulosa, territórios desconhecidos, alguns focos mais iluminados sob um pano de fundo, ou ainda lugares entrevistados numa rápida passagem? A cidade assim percorrida e rememorada expõe o elemento estruturante do urbano; permite assinalar no mapa o “efeito constitutivo do tempo”. Cidade que se

apresenta escandida, recortada em numerosos detalhes de tempos de aprendizado e de trabalho, de sucesso e de derrotas. Escandida em gestos de apropriação dos espaços. Ruas e bairros em suas divisões internas quase nunca coincidem com as divisões administrativas do território urbano. Carregam, porém, memórias diversas pouco discerníveis se buscarmos a estrita racionalidade, pois se alimentam em grande parte da *ficção* e da *opinião*. (CAUQUELIN, 1982, p. 31)

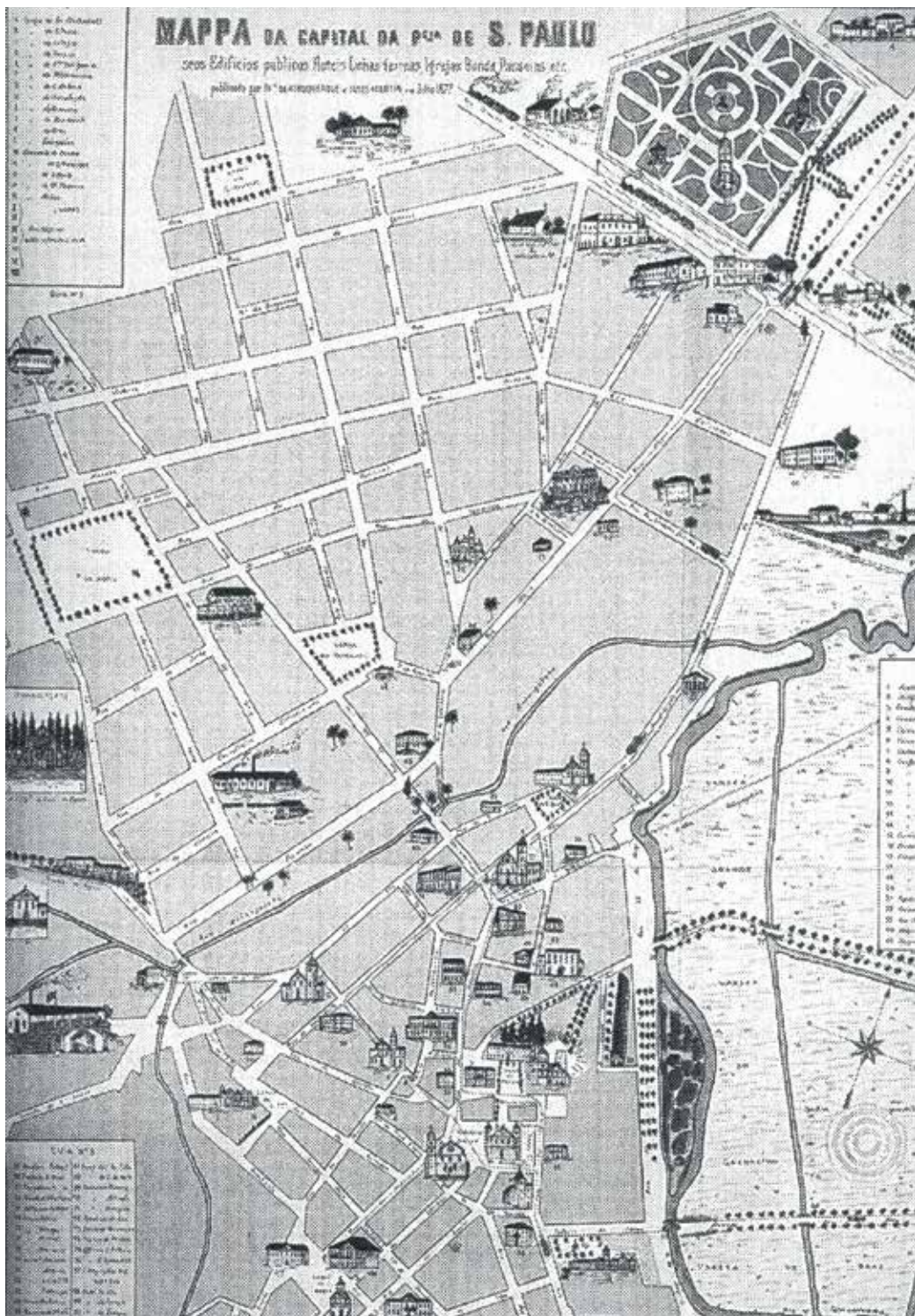
Para a *ficção*, a autora recorta uma de suas expressões narrativas fundada na *verossimilhança*,³ já que essa forma de escrita “comanda as inúmeras hipóteses sobre a origem primeira das cidades. A lenda e a fábula fornecem uma chave de entendimento da civilização urbana, seja Babel, Jerusalém Celeste, Atlântida e delas nos aproximam pela ‘sedução da imagem, sem nenhuma precisão de realidade a ser exibida.’” Até as cidades de colonização moderna, tal como São Paulo, cuja fundação se define prosaicamente, destituída de lendas e de fábulas, começo datado – 25 de janeiro de 1554. Entretanto, onde buscar tal precisão, senão numa busca da origem ficcionalmente “elaborada”? Sobre São Paulo, o memorialista Cursino de Moura (1980, p. 30) disse “A história da fundação da cidade é cediça...”

A *doxa*, por sua vez, noção escolhida por Cauquelin para ampliar o sentido de “opinião” e apartá-la dos preconceitos que a cercam, se apresentaria como o “tecido natural” formado tanto pelas memórias dos arquitetos-urbanistas alimentadas pelas teorias urbanas, como pelos comportamentos dos cidadãos em suas andanças pelo espaço que compartilham com os administradores; nele vivem e agem, em uma mistura de novidade e de arcaísmo que nos permite estar e nos mover nas cidades, suscitar resistências e constituir uma “cultura urbana”. (CAUQUELIN, 1982)

Neste texto ensaio o esboço de parcela da “cultura urbana” da capital paulista; acrescento às palavras dos relatos e aos mapas imagens fotográficas de “lugares” e edificações, memórias visuais e “topos” – marcos, referências e suportes materiais e imateriais da memória, testemunhos do tempo enquanto elemento constitutivo do urbano.

VIAJANTES

Ensaïemos percorrer algumas trajetórias pela cidade de São Paulo. São relatos de Henrique Raffard e Alfredo Moreira Pinto, cariocas de passagem pela cidade, cujos relatos fazem emergir registros de camadas acrescentadas no tempo de suas ausências. Raffard, filho do cônsul suíço, visitara a cidade cinco anos antes, em 1886, e voltava em 1890; (RAFFARD, 1977) Moreira Pinto (1979) chegava em 1900, após cerca de 30 anos de ausência, rememora lugares e hábitos de



gregação dos trabalhadores. Sugere como complemento, ao leitor desejoso de obter “melhor idéia do progresso da Paulicéia”, o álbum do fotógrafo Militão Junior que expunha em contraste os mesmos pontos da cidade em 1862 e 1887. (RAFFARD, 1977, p. 109)

Ao apresentar *A cidade de São Paulo em 1900*, Moreira Pinto (1979, p. 8) também inicia o relato exumando lembranças difusas:

S. Paulo, quem te viu e quem te vê! Não passavas naquelles tempos de uma pobre aldeia, completamente segregada do Rio de Janeiro. [...] Tinhas então ruas sem calçamento, iluminadas pela luz baça e amortecida de uns lampeões de azeite, suspensos a postes de madeira... O Braz, a Mooca e o Pary eram então insignificantes povoados..., a Varzea do Carmo, o logar escolhido para caçadas de cabritos...

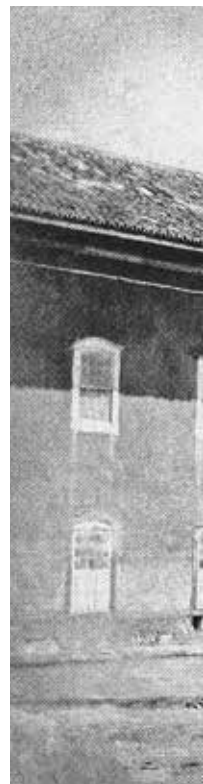
Tal como Raffard, assinala logo adiante outra diferença significativa: “Era então S. Paulo uma cidade puramente paulista, hoje é uma cidade italiana!!”

A presença de população estrangeira torna-se uma constante nas narrativas apoiadas em dados fornecidos por relatórios governamentais: até 1880, cerca de 30% de alemães haviam substituídos os portugueses em profissões variadas, porcentagem, por sua vez, superada pelos italianos, já em 1890, quando Raffard em visita diz escutar na cidade os três idiomas, também presentes na imprensa local com oito jornais brasileiros, dois italianos e dois alemães (RAFFARD, 1987, p. 107) e colégios. Anota a presença de alguns turcos (denominação genérica atribuída aos súditos do Império Otomano), em particular no mercado municipal. (RAFFARD, 1987)

A cidade visitada por Raffard pouco avançara para os novos arruamentos abertos para além do triângulo central: alguns pontos no Brás – fábricas e Hospedaria dos Imigrantes, mais afastados, fábrica e Matadouro em Vila Mariana, fábricas em Sant’Ana e Água Branca. Santo Amaro se dispunha como vila afastada e habitada de preferência por alemães. Duas vias férreas ligavam a cidade à capital federal e às terras do café no interior do Estado (Norte/Central do Brasil e São Paulo Railway).

Quando, em 1900, Moreira Pinto volta à cidade de sua juventude, ela já acolhia, diz ele, 250.000 habitantes e se estendia, a partir da área central mais antiga,⁴ para os Campos Elíseos, Luz, Santa Ifigênia, Santa Cecília, Higienópolis e Consolação até a Avenida Paulista, e avançava em direções diferentes pelo Brás,

Faculdade de Direito – 1828. Militão de Azevedo
1862. São Paulo 450 anos – p.70





Penha, Cambuci, Ipiranga, Vila Mariana, Água Branca, Perdizes, Vila Prudente, entre os numerosos bairros por ele arrolados em listagem finalizada com a seguinte observação: “e muitos outros”. A área urbanizada avançara notavelmente nos trinta anos de ausência.

Os comentários de Pinto (1979, p. 7-10) estabelecem vivos contrastes em camadas de memórias sobrepostas e permitem visualizar a cidade em expansão num paralelo com a antiga cidade: “onde dominava soberana e despoticamente o estudante”, os acadêmicos da Faculdade de Direito, e “o Braz, a Mooca e o Pary eram insignificantes povoados com algumas casas de sapé, e a várzea do Carmo o lugar escolhido para caçadas de cabritos”, agora se via uma “população alegre e animada [...] commercio activissimo, luxuosos estabelecimentos bancários, centenares de casas de negócios e as locomotivas soltando seus sibilos progressistas...” Sua exposição se organiza por um roteiro descritivo das edificações e as permite fixar no território compondo uma imagem vincada pela noção de progresso, com pequenos deslizamentos nostálgicos. As informações dos avanços e percalços sofridos no transcorrer do tempo, fornecidas em grande parte por documentos oficiais, são também colhidas em opiniões difusas de procedência diversa.

Na sequência de dois breves capítulos com “notícia histórica e aspecto da cidade”, sua lista se inicia pelas igrejas e conventos, em número expressivo, dispostas em praticamente todas as áreas mais povoadas do núcleo urbano. Prossegue, e em vinte e quatro capítulos se detém com ênfase irregular nas edificações administrativas do Estado e do Município, seus estabelecimentos de ensino em todos os níveis, os edifícios destinados aos serviços públicos, laboratórios, institutos de pesquisa e vacinação. Confere especial importância às instituições religiosas e suas respectivas igrejas e ações beneficentes, sem deixar de nomear e comentar as sociedades literárias, estabelecimentos de ensino particulares, a imprensa, bancos, hotéis, indústrias, mercados, matadouro, cemitérios, estações ferroviárias e “palacetes particulares”.

Seu percurso de narrativa traz uma imagem da cidade do início do século XX que logo sofreria modificações radicais, sem, entretanto, perder de toda a pontuação no mapa. Inicia com a igreja da Sé, já a segunda edificada no mesmo local da primeira matriz, “coração da cidade”, construída em 1745 a custa de esmolas, e detalha o teto “ricamente pintado por Almeida Junior”. Ao seu lado a igreja de São Pedro, edificação iniciada em 7 de novembro de 1740 e pouco mais distante, porém ainda no perímetro da acrópole, o convento de São Francisco, fundado por alvará de 6 de agosto de 1639, lugar que acolhia a Faculdade de Direito desde sua fundação em 1824. Todas essas edificações seriam derrubadas nas décadas iniciais do século e novos edifícios iriam compor uma nova camada da cidade, cujos administradores e boa parcela dos habitantes desejavam modificá-la de modo a erradicar o passado colonial.

Dentre os edifícios localizados mais distantes muitos permaneceram. Na outra extremidade da acrópole, na ladeira para o rio Tamanduateí, lá estava a igreja da Ordem 3ª do Carmo e o conjunto de igrejas nesse perímetro central completava-se com as igrejas de São Bento, do Rosário e de Santo Antonio. Do outro lado do rio Anhangabaú instalara-se a igreja de Santa Ifigênia e logo adiante, a igreja Anglicana no Bom Retiro; no “arrabalde da Luz”, a de Nossa Senhora da Conceição e o Seminário Episcopal, o Convento da Luz e a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Para além da Sé, no Cambuci, a Nossa Senhora da Glória. As igrejas se espalhavam pelas áreas diversamente urbanizadas da cidade: Consolação e Santa Cecília em áreas próximas ao centro novo acessado pelo viaduto do Chá; na Rua Rangel Pestana, eixo central do bairro industrial e operário do Brás, encontrava-se a do Senhor Bom Jesus de Matosinho. O Recolhimento de Santa Tereza na Rua do Carmo merece extenso relato, desde sua fundação nos idos de 1685 e 1686.

Sua narrativa prossegue com a apresentação das Repartições Públicas. Sem nos determos em toda a lista, selecionamos as que mereceram maiores comentários pela importância a elas atribuída. O Palácio do Governo, construído e habitado desde 1765, no lugar do antigo convento e colégio dos jesuítas, anexo à igreja, o marco da fundação da cidade. Continha uma ala perpendicular que sediava a Assembleia, mas fora derrubada em 1881. Destaco a forma como Moreira Pinto se detém na avaliação do prédio – “um edifício antigo, baixo, sem symetria na sua fachada e debaixo do ponto de vista architectonico uma verdadeira monstruosidade” “[...] sem regularidade nas suas divisões internas, com salas umas grandes e outras pequenas, espalhadas sem ordem nem symetria”. Porém completa sua avaliação deslocando-se para o comentário elogioso balizado em noções sanitárias: “mas todas (salas) montadas com luxo, bem ventiladas e esplendidamente illuminadas”. Ao seu lado, a Secretaria da Justiça em belo prédio da Secretaria de Polícia, com “bonito panorama (do) Braz, Mooca, Pary e Penha” propiciado pelo “terraço dos fundos”. O contraste mais evidente se estabelece quando aprecia os prédios das duas Secretarias, construídos no mesmo largo do Palácio, o que, a seu ver, roubara “um espaço tão necessário ao seu aformoseamento”, que já dispunha de um inadequado jardim. Quando prossegue sua descrição indica certo conhecimento de estilos arquitetônicos e composição urbanística. Para a Secretaria da Agricultura fora adotado o “estylo Renascimento, porém ligado à escola germânica”, construída “em tijolos sobre embasamento de cantaria”, e cuja frente dispunha de “pavilhão central, ornado de seis altas columnas de estylo-corynthio”, a Tesouraria da Fazenda duplicava o mesmo estilo com a “fachada filiada à ordem corinthia em obediência à ordenança clássica do Renascimento.” (PINTO, 1979, p. 67-77)

183

Além Tamanduateí, para os lados do Brás, a Hospedaria dos Imigrantes fora construída ao lado das oficinas da Estação do Norte (Rio-São Paulo): “um vasto prédio todo de tijolos (com) dois pavimentos, 34 janelas de frente [...] 10 grande salas”. Porém, nele não encontrou uma única cama! (PINTO, 1979, p. 91) Outra edificação merecedora de comentários mais detidos é a Penitenciária da Luz localizada na avenida Tiradentes: “divida em duas partes [...] a primeira é uma pocilga, immunda, um verdadeiro ninho de microbrios [...] Percorri-a com a maior repugnância e o mais legitimo temor de contrahir qualquer enfermidade”. À avaliação negativa acrescenta: “Parece incrível que um Estado tão rico e importante como o de S. Paulo possua uma cadeia em taes condições, [...] em pungente contraste com a casa de correção”, onde encontra “o mais meticuloso asseio, a maior ordem, a mais severa disciplina [...] presos decentemente bestidos, alojados em limpos cubículos.” (PINTO, 1979, p. 98-100)

Merece longa menção o Museu Paulista por considerá-lo um “monumento que, como obra de architectura, parece-nos não encontra rival no Brazil”. Situado na colina do Ipiranga, e a seis quilômetros da cidade,

[...] compõe-se de um vasto edificio com 123 metros de fachada, de dous andares e cinco corpos, [...] No corpo central acha-se um rico e bellissimo vestibulo, accessivel por uma larga escadaria de granito. Comprehende atrás largas portas no primeiro pavimento e três janellas no segundo, espaçadas por oito columnas corynthias. (PINTO, 1979, p. 82)

E volta à apreciação do estilo: “Na entrada vê-se vinte e quatro columnas jônicas, sobre as quaes repousa a sala de honra...” (PINTO, 1979, p. 85)

Seu entusiasmo aumenta ao descrever os Institutos Científicos e Literários públicos e privados. À sua antiga escola, a Faculdade de Direito, dedica um comentário afetivo de saudosas recordações afloradas “ao transpor os humbraes onde passei o melhor tempo da minha mocidade [...] afigurava-se-me ver surgirem deante de mim a bela figura do louro José Bonifácio, do taciturno Chrispiniano, do jovial Antonio Carlos...”. Lamenta, porém, não lhe terem dado “um edificio digno”, já que, “o pardiheiro em que está alojada a Faculdade é o mesmo de sempre. Sem architectura, sem o mais ligeiro gosto esthetico, sem asseio, as paredes esburacadas [...] eis o edificio em que funciona a primeira Faculdade de Direito da República, que tem produzido os maiores talentos desta terra”. (PINTO, 1979, p. 104-107) Em contraste se encontra a Escola Politécnica, fundada em 1894 e instalada em dois edificios, a antiga residência do Marques de Tres Rios e em “edificio novo, bellissimo de estilo romano”, construído pelo “distincto-architecto Dr. Ramos de Azevedo”. Detalha o interior da edificação, seus laboratórios e a hierarquia dos diversos cursos. O mesmo arquiteto edificara, entre muitos outros prédios públicos, o edificio da Escola Normal, sediada na Praça de República, e ela também merece elogios: “É de estylo Renascença e apresenta em seu conjunto a forma de um E maiúsculo [...] edificio que faz honra e constitui motivo de justo orgulho à cidade [...] embora acaçapado em relação à vasta praça em que está situado [...] pareceu-me baixo e não muito obediente às regras da architectura”. Qualifica-a como instituição “rival das primeiras escolas normais da Europa”. Suas divisões internas são perfeitas, [...] primam ellaspello extraordinário asseio [...] e espaçosas salas.” As descrições do laboratório, da biblioteca, oficinas, gabinete de anatomia, do Ginásio e salas de aula com separação de gênero, e nos fundos o Jardim da Infância, compõem subsídios para que a considere “uma instituição monumental e única em seu genero em toda a República.” (PINTO, 1979, p. 114-119)

Detém-se, ainda, na Escola de Farmácia, em três Escolas Modelo, nos grupos escolares, o do Brás instalado em edificio bonito e majestoso, dispondo de seções

masculina e feminina, e o de Santa Ifigênia, edifício mais acanhado. Menções se alongam aos estabelecimentos de ensino dispostos em várias áreas da cidade, a maioria vinculada a ordens religiosas. Não deixa, entretanto de assinalar a presença de estabelecimentos particulares, com destaque para o Mackenzie College, sucursal da universidade de Nova York, instalado em vasto prédio com três pavimentos na Rua Maria Antonia, onde se formavam bacharéis em letras, artes e engenharia. (PINTO, 1979)

O entusiasmo se mantém ao avaliar a produção da imprensa: *Correio Paulistano* com 46 anos de existência e *O Estado de S. Paulo* com 25 (dois periódicos bastante ativos no decorrer da propaganda política republicana), *Commercio de S. Paulo* com 7 anos, *Diario Popular*, *Platéea*, e os vinculados a colônias imigrantes, *Fanfulla*, *La Tribuna Italiana* e *Germania*, todos instalados no triângulo central. Cita várias publicações semanais, dentre as quais duas em italiano e uma em alemão. Dentre as publicações de cunho acadêmico, destaca três, *Revista do Museu Paulista*, *Revista do Instituto Histórico* e *Revista do Archivo Publico*, esta com 30 volumes editados. Não deixa de mencionar a Sociedade de medicina e cirurgia de S. Paulo, o Instituto de Advogados e o Forense. Ocupa várias páginas relacionando as instituições pias, hospitais e destaca o *Asylo de Alienados do Juquery*, instalado em amplas edificações projetadas e construídas também pelo arquiteto Ramos de Azevedo, junto à estação Juqueri da ferrovia Inglesa. (PINTO, 1979)

185

As linhas férreas ocupam lugar importante nas atividades econômicas, bem além do transporte de café e demais produtos agrícolas. Servem à indústria fabril, em especial as de instalação recente. Registram as fábricas espalhadas pela área central, no Braz, Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, outras pelos lados de Santo Amaro, Vila Mariana, Ipiranga, Vila Prudente. Comentários sobre a atividade fabril e seus produtos ganham ênfase ao descrever as instalações da Companhia *Mechanica e Importadora*, onde encontra “officinas montadas segundo as normas mais rigorosas que a hygiene e a sciencia aconselham”, e a compara elogiosamente às que havia visitado em países da Europa – Inglaterra, Bélgica e Alemanha – e Estados Unidos, como índice do progresso alcançado pela “indústria da ferraria”. Sua produção dirigida preferencialmente para a fabricação de máquinas, em larga medida as destinadas ao beneficiamento do café, porém parte significativa das atividades voltava-se para a importação. Tal como a maioria das fábricas, instalara-se às margens da ferrovia, no caso a São Paulo Railway, mas várias outras detinham “chave” que permitiam “a carga e descarga das mercadorias”, também em pontos da Estrada de Ferro Inglesa. Era o caso da Fábrica de Cerveja Bavaria, situada em rua com seu nome no “subúrbio do Braz”, avaliada por Pinto como importantíssima, embora a companhia sua proprietária de origem alemã não tivesse cuidado de adotar um belo estilo em sua construção.

Também suas instalações merecem elogios pela amplidão e boa organização, com especial menção ao “machinismo construídos na Alemanha e na Suíça [...] os mais modernos neste ramo de fabricação”. Sua avaliação completa-se com a descrição detalhada de todas as etapas do processo de produção da cerveja, a pureza da água, o fermento importado da Alemanha, a presteza com que as máquinas conseguem resfriar o produto de 80º C para 40º C e depois mantê-lo em 4º C. Não deixa de assinalar que “os produtos da fábrica foram premiados na exposição Columbiana de Chicago, em 1893, com medalha de ouro.” (PINTO, 1979, 207-223)

Disponha de três mercados: o do Brás, o mais elegante e instalado no largo da Concórdia do Brás, o S. João e o Grande, este mercado municipal sediado na Rua 25 de março, na área central. Dentre os lugares de lazer, relaciona o Jardim Público, três teatros, hotéis, alguns clubes. As obras públicas destacam-se pelo viaduto do Chá, a ponte sobre o rio Tamanduateí e a ponte Grande sobre o Tietê. Os cemitérios, o da Consolação, mais antigo, aberto em 1858, o Araçá, fronteiro ao Hospital do Isolamento, ambos em novo arruamento na avenida Municipal, hoje Dr. Arnaldo. (PINTO, 1979)

186

Detém-se na descrição detalhada das principais vias públicas – ruas, avenidas, bulevares, largos e praças, e adverte o leitor: “percorri a pé, do princípio ao fim, todas as ruas, alamedas, avenidas e largos.” (PINTO, 1979, p. 224-249) O destaque maior é, sem dúvida, para a Rua 15 de Novembro, “a principal da cidade”; nelas se encontram as redações dos principais jornais, percorrida “por bondes que vão à Avenida Paulista, à Perdizes, à Palmeiras, à Consolação, à Higienópolis e a outros pontos”. Quanto à Avenida Paulista, a mais importante da cidade, quase reta e estendendo-se por mais de 3 km sobre um espigão de 847 metros de altitude, lhe antevê um belo futuro. Seria “toda macadamizada,” e estaria repleta de “bonitos prédios” que, no momento de sua visita somavam uns cinquenta. E conclui com alguma ironia: “será o passeio predilecto das famílias de S. Paulo, infelizmente tão retrahidas e tão orgulhosas.” (PINTO, 1979, p. 251-252) Merece ainda destaque o bulevar Burchard em Higienópolis, “esplendido, magnífico, belíssimo [...] criação recente do infatigável Sr. Martinho Burchard, um teuto-paulista, um empreendedor arrojado, um verdadeiro *yankee*.” (PINTO, 1979, p. 250.)

Suas anotações ocupam 280 páginas e estabelecem conexões variadas com elementos físicos da cidade na qual vivera enquanto estudante e com elas busca preencher o hiato de sua longa ausência, e em paralelo oferecer ao leitor, em mosaico, a imagem meticulosa de sua materialidade edificada e na disposição urbanística, da cultura, da dimensão econômica expressa em signos, na época,

representativos do progresso. A narrativa pretende expor exaustivamente o que existe na cidade, em uma mescla composta pela descrição dos diversos trajetos percorridos: as camadas se estratificam com dados da memória sobrepostos ao tecido urbanizado, se dispõem com o que vê, classifica e lista com o recurso de um corpo documental significativo, oficial/administrativo e privado.

MEMORIALISTAS E POETAS

Deixemos a imagem produzida pela descrição minuciosa de Alfredo Moreira Pinto e passemos aos habitantes da cidade. Paulo Cursino de Moura publicava, em 1932, o livro *São Paulo de outrora* (evocações da metrópole), coletânea de crônicas, em sua maioria, antes publicadas no S. Paulo-Jornal. Organiza-as em uma sequência das principais vias públicas da capital paulista, descreve histórias e personagens que por elas transitaram. Em sua narrativa se expressa nítida a intenção do memorialista de trazer ao leitor, desdobradas, camadas de memória da cidade acumuladas, sobrepostas como folhas arqueológicas.

O percurso segue o início obrigatório pelo “Triângulo, Palácio e a Sé”, se estende por outras 44 vias, desce pela Vinte de Cinco de Março, e segue depois desse núcleo original para os lados do Brás, Mooca, Ipiranga, Santa Cecília, Santana. Cursino de Moura compôs uma sequência de relatos nos quais mescla informações de procedência variada sobre a orientação das vias e suas edificações mais destacadas e “histórias” sobre ocorrências notáveis, tais como “o suicídio, o desabamento da cimalha” da Igreja do Colégio dos Jesuítas pela, “quicá, imposição do progresso paulista”. Simples descuido, diz ele. Afinal, o Largo do Colégio fora rebatizado e denominava-se Largo do Palácio. Depois exuma “a velha Sé demolida”, diz ele, “há cerca de vinte anos apenas, dezembro de 1911”, para dar lugar a construção da “nova catedral gótica”. Desfeito um dos topos “da vida urbana, [...] ponto central e preferido”, restara a lembrança das quituteiras a derramarem-se pelas vielas, tabuleiros e tabuleiros, iguarias e guloseimas, os tálburis substituídos pelos automóveis. “A visão é de ontem”, diz. “São Paulo cresceu demais, por isso afigura-nos remoto um passado recente.” (MOURA, 1980, p. 36)

A abertura da Rua/Avenida São João... Antes Acu, em sua travessia sobre o riacho Anhangabaú, proporciona um relato irreverente, no qual

[...] os barracões feios, imundos, suando energia e atividade na ânsia do lucro, nessa avançada heterogênea de nacionalidades várias [...] o velho mercadinho [...] a sinfonia do reclame [...] a noite insone dos Bijou, Polytheama, do Mignon no Beco do Sapó [...] a boêmia no Largo Paissandu. (MOURA, 1980, p. 95)



participam ativamente no “Século XX, [da] São Paulo crescendo, crescendo [...] o S. João, ladeira, rua, desde a cidade até Santa Cecília e Barra Funda, numa reta”. Nada tranquila a abertura da nova avenida, reconta:

A questão [...] envenenou todas as almas, todos os corações. Dos que eram pró, pela insofrida ganância, especulativa negociata. Desapropriações escandalosas. Dinheiro a rodo. Cada metro de terreno, os olhos da cara. Dos contra, pela insopitável indignação, à vista de tanta e tão ignominiosa exploração. [...] Mas como tudo que é humano, o vendaval passou. A avenida São João, muito embora tivesse custado dezenas de milhares de contos de réis, aí está, não há de negar, linda e rica de cintilações soberanas. Que fique eternamente... (MOURA, 1980, p. 95-98)

Mas nem só a abertura da avenida mereceu observações irônicas. Tal como no caso de Sé, também, senão o primeiro, contudo, o mais alto “arranha-céu” da cidade merece nota sarcástica sobre o desaparecimento da edificação que o precedeu:

Que espanto é esse? Que haja um Martinelli de 24 planos onde existiu um Café Brandão de 3? Se para a visão dessa apoteose dos nossos dias os olhos da população aumentaram em um milhão! Eis a realidade assombrosa de São Paulo, a mais estupenda realização da ati-

vidade de um povo. Prova palpável: Café Brandão, 3 pavimentos; Martinelli, 24. – 1890: 200 mil habitantes; 1932: um milhão e duzentos mil. Diferença: 42 anos. (MOURA, 1980, p. 90)



Panorama do Brás – galpões e chaminés – vista do Palácio das Indústrias c. 1925 in Lembranças de São Paulo – Gerodetti e Cornejo, p. 109.

Moura repete avaliações de viajantes quando destaca a Avenida Paulista com seus 2.500 m de extensão, a 847 m de altitude, arborizada e a primeira a receber o “tapete macio do asfalto”. Tratava-se, sem dúvida, de via segregacionista dada a disposição dos lotes e o afastamento obrigatório de cinco metros de jardim fronteiriço. Lendária pelo curso do carnaval, o zumbido dos fordes, mas também seu lado sério, ao Instituto Pasteur atender competente o “tabaréu caipira, que veio de longe [...] mordido por um cachorro louco.” (MOURA, 1980, p. 246-247)

A presença estrangeira tem seu espaço, na Rua Vinte e Cinco de Março, rua sírio-libanesa (não se refere mais aos genéricos turcos), a Rua dos Italianos, no Bom Retiro, nacionalidade que “na cidade cosmopolita, predomina”, afirma; a alameda Glete, aberta por Frederico Glete e seu sócio Vitor Nothmann, dá ensejo à obrigatória menção aos alemães empreendedores que deram início ao bairro presidencial [Palácio do Governo] e residencial dos Campos Elíseos [...]. (MOURA,

1980, p. 281) Cursino de Moura termina suas evocações com a Avenida Rangel Pestana, no Brás – “grande e operoso bairro vizinho da cidade [...] que até 1874 não existia como centro arruado, habitado, na planta cadastral da cidade”; recebera a Estrada de Ferro do Norte (Central do Brasil) em 1877 e em algumas décadas se tornara “a fonte de riqueza” de São Paulo [...] o Brás tesoureiro... (MOURA, 1980, p. 297-304)

O autor Relembra lendas que explicam denominações de lugares. A Capela da Santa Cruz dos Enforcados leva seu nome em lembrança da morte do Chaguinhas, enforcado em 1821 pelo laço de couro do tropeiro de passagem, dado que a corda do carrasco não mostrara firmeza. O viaduto do Chá, denominação estranha para uma terra enriquecida pelo café, uma lembrança da plantação de chá na chácara da Baronesa de Tatuí, cuja cultura fora iniciada por José Arouche de Toledo Rendon nas proximidades, na Vila Buarque. Viaduto que, para Cursino, “é o símbolo vivo da cidade, por ligar a vida do passado à vida do presente”: “O Viaduto personifica a grandeza da Paulicéia onipotente”: (MOURA, 1980, p. 122)

A alma do viaduto que gostosamente cultuamos é a apoteose da sua magnificência, numa tarde de sol, sobre o tapete da variegada vegetação do Parque Anhangabaú [...] São Paulo,

sem o Viaduto que o caracteriza, [...] envolto pela garoa (outro 'topos' da 'doxa' paulistana) nas noites de frio, com os lampiões esvoaçantes de névoa, não seria o São Paulo das velhas tradições o São Paulo-estudante dos tempos atrás, o São Paulo-'yankee' dos tempos modernos e o São Paulo boêmio de todos os tempos. [...] Viaduto passadiço de útil eficiência [também para os suicidas]. (MOURA, 1980, p. 126-132)

Do memorialista ao poeta Guilherme de Almeida que, com palavras, desenha no território físico da cidade a topografia das nacionalidades imigradas num mosaico que parece expressar a segregação espontaneamente buscada na solidariedade entre “iguais”. Uma série de oito artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1929, monta na sequência o mosaico e permite pontilhar – a “São Paulo enorme de casas e gentes [...] de todos os estilos. Cosmópolis. Resumo do mundo” – com a disposição espacial dos núcleos imigrantes: húngaros, japoneses, alemães, letões, lituanos e demais populações bálticas, e os soma a espanhóis, judeus, armênios, sírios, e outros do Oriente Próximo. Repete – quarenta anos depois – uma afirmação de Raffard, ao justificar que não desenha localizações dos núcleos italianos por estarem definitivamente confundidos com os paulistanos. Em suas palavras: “Não se estranhe faltar, entre os núcleos estrangeiros [...] o mais importante: o italiano. Ele existia, sim, no primeiro quartel deste Século, no antigo São Paulo do Brás, do Piques, do Bexiga.” (ALMEIDA, 1962, p. 6-7)

190

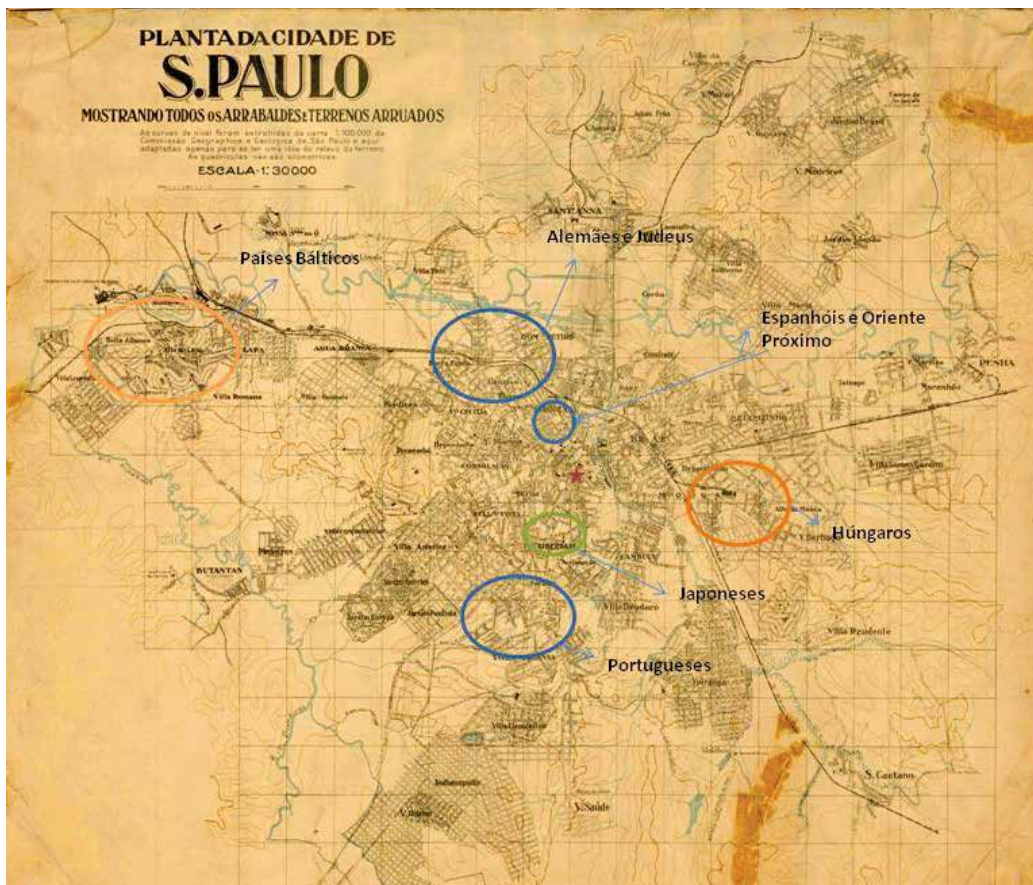
Esboça traços de caráter e hábitos peculiares de cada nacionalidade, tece fios de proximidade e estranhamento, de aceitação e aversão, presente a nostalgia da terra/país deixados para trás, por fim, os une poeticamente na base comum – o trabalho, a convivência da diversidade tornada possível pelo “grande milagre do trabalho. Harmonia, equilíbrio e igualdade feitos de diferenças”. Uma São Paulo que, da perspectiva da apresentação da coletânea redigida em 1962, deixara de existir em 1930. (ALMEIDA, 1962, p. 12)

Nas crônicas do poeta, a espacialização dos grupos imigrantes anuncia a expansão da área urbanizada: “São Paulo parece estar tão longe, [...] bem aquém daquele arrepio de chaminés de fábricas e balões do gasômetro”. Os húngaros instalados no Alto da Mooca. Lá o encontra “uma multidão silenciosa [...] que o faz “duvidar da existência da língua magiar”. Ao transpor o rio Tamanduateí e subir a encosta que leva à Praça da Sé, encontra “pelos lados das ruas da Glória, Conde Sarzedas, Conselheiro Furtado”, o “Japão de São Paulo: todas as casas sem fisionomias, como as caras da multidão [...] pequeno, pequenino, pequenininho este Japão”, como os homens e as mulheres, bonecas, como as artes japonesas, “árvores-anãs”, “aves finas e detalhadas que Körin pintou nos papéis-de-seda”, “os netzkês de marfim ou cristal de rocha”, “as dezessete sílabas de um haikai”. (ALMEIDA, 1962, p. 11-27)

Ele prossegue em seu caminho em direção ao bairro da Santa Ifigênia, onde os alemães se concentram em várias travessas. “É o bairro do chope. Em cada bar há um piano. [...] Uma boa gente que trabalha, de dia, por aí tudo, e vem, de noite, beber cerveja [...] Gente de disciplina pacífica e profissões poéticas – floristas, músicos, fotógrafos, ortopedistas, tapeceiros, massagistas. [...] Homens tristes chupando a espuma da loira de cabelos brancos”. Logo ao lado, na rua José Paulino encontra a área definida como o “ghetto” judaico. Nela, “passam homens absortos”, cobertos por sobrecasacas, “cheios de sorrisos para si mesmos, como pensamentos, sem ver ninguém, ninguém os vendo”; “gente errante [...] a pátria é isso: onde a gente está” [...] “café Jacob’: letras negras sob um signo de Salomão. [...] Nos cabides, em vez de chapéus, uma porção de cartazes em hebraico, pendurados, balançando.” Pouco mais distante, na Rua Santa Rosa, localiza os espanhóis. Moram nos fundos de seus armazéns atulhados de sacas de cebolas, cereais; entre eles, predomina “o tom castanho”. São “carroceiros castanhos, de camisa de malha castanha, afundados entre sacas castanhas e domando burros castanhos” em meio ao mercado da rua da Cantareira em construção. (ALMEIDA, 1962, p. 31-65)

Os portugueses percorrem a cidade da manhãzinha ao final da tarde, anunciam-se pelo uso do “tu” num país do “você” e pelos guizos das cabras; retornam à noite para o “vale espremido entre o recorte alto de Vila Mariana e o apinhado baixo do Cambuci. Uma frescura serrana.” Num fim da tarde, o poeta se aproxima na rua Guaicurus da “confusão báltica” composta por letões, lituanos, finlandeses, caminho de Vila Anastácio”; vê “chegando homens e homens, grandes, de sweter branco, e silenciosos, que ficam apoiados nas cercas das casas, olhando, cansados, sem dizer nada”. Por fim, descobre “o Oriente, mais que próximo” – sírios alourados, árabes morenos, armênios de olhos impressionantes, egípcios sutis, laboriosos, kurdos bravios [...] mas são todos turcos em São Paulo!” – nos cafés da Praça Antonio Prado – “bigodes, só bigodes. Bigodes contemplativos nas calçadas” descem a ladeira Porto Geral, “de pedra torta e molhada, [...] falam os bigodes, falam os gramofones, tudo é áspero, rouco, ríspido, rasgado, arenoso [...] só homens, nenhuma mulher, [...] a larga escrita neshki dá um ar de Alcorão a todos os livros [...] rua 25 de Março: o reino da bugiganga [...] quinquilharias vistosas, [...] sabonetes, colares [...] cores e luzes...” (ALMEIDA, 1962, p. 69-82)

Palavras poéticas bastante semelhantes às das memórias de antigos habitantes da cidade, como Ernani da Silva Bruno,⁵ publicadas em 1985. Também estas compõem um quadro da cidade para a qual se mudara nos anos 1920, suas características contrastantes, a diversidade das zonas construídas e da população com forte presença imigrante.



192

O primeiro impacto que São Paulo me deu foi sua espessa realidade de cidade grande – imensa, [...] alçando-se para o alto [...]. Estendendo-se em todas as direções, por dezenas de bairros [...] Os viadutos do Chá e de Santa Ifigênia [...] com longas pernas metálicas, o verde do vale do Anhangabaú. Edifícios sofisticados, como o Teatro Municipal, o Palácio do Governo [...]. O movimento, o ruído, os brilhos do Triângulo, com certos prédios de fachadas também requintadas. [...] pequenos restaurantes italianos, [...] instalados em casas meio encardidas mas simpáticas, com pipas à porta como rotundas promessas de vinhos fortes para regarem repastos a preços módicos. (SIL VA, 1984, p. 40-50)

A segregação espacial de classes fazia-se explícita:

Distante do centro da cidade, esparramava-se a aristocrática Avenida Paulista, com suas mansões de inesperadas arquiteturas [...]. Entretanto, para os lados do Brás, do Belém, da Mooca, estendiam-se imensos quarteirões de pequenas casas geminadas, em ruas sem pavimentação e sem árvores, alternando às vezes com grandes edifícios de tijolo aparente ou de paredes de um encardido cinzento defuligem, à sombra de altas chaminés que tentavam enfumaçar o céu. (SIL VA, 1984, p. 49-50)

Desloquemos um pouco o foco para as palavras de antigos moradores, já septuagenários, entrevistados por Ecléa Bosi. O Sr. Amadeu, nascido em 1906, com pai toscano, alfaiate, e mãe veneta, costureira. Suas lembranças traçam o percurso familiar por bairros operários, ruas sem calçamento – “eram ruas de lazer” nas quais as crianças “ficavam à vontade” até serem asfaltadas. Expõe na localização de bairros ricos e pobres, a eletricidade instalada nas ruas do seu bairro só em 1916, o trabalho na fábrica, o aprendizado no Liceu de Artes e Ofícios, as idas ao teatro, ao cinema, a expansão da cidade rumo à área suburbana. Ao falar do Brás, seu relato quebra um pouco o mosaico de Guilherme de Almeida, pois expõe mais cruamente a miséria e a pluralidade imigrante: “Lá não moravam só italianos”, também havia portugueses nas padarias e nos bares, espanhóis nos armazéns de cereais e ferro velho, poucos pretos, mas muitos cortiços. (BOSI, 1987, p. 77-102)

Mapa da localização dos núcleos imigrantes.
Indicadas por Guilherme de Almeida.

Seu Antônio nascera em 1904 de pais imigrantes chegados em 1900. Na trajetória bastante habitual dos imigrantes, transferem-se do interior para a capital paulista em 1910. O bairro de sua infância, a Bela Vista. Vizinhança heterogênea, italianos, negros; bairro alto, onde, do morro dos Ingleses, avistava-se toda São Paulo. No bairro falava-se italiano, os carroceiros calabreses em seus cortiços liam o *Fanfulla*, os meninos jogavam futebol nas ruas. Já do Brás, onde morava na época da entrevista, lembra a festa de São Vito Mártir, os bares nas imediações do gasômetro, convivendo com a festa do Divino, de devoção brasileira. Os dois viadutos, do Chá e Santa Ifigênia, e o prédio Martinelli definiam marcos fundamentais do começo dos “ares de cidade importante”, nos idos de 1927-1928:

Abriam a Avenida São João, a rua Libero Badaró, o centro foi se alargando. Conheci São Paulo como uma cidade provinciana; hoje qualquer bairrozinho tem mais habitantes do que a São Paulo que conheci. Cada vez mais São Paulo cresce: o que era uma célula, vai ser um novo bairro. Pinheiros era um matagal, agora é centro. Lapa é centro. Até Penha é centro. A Vila habitação mais densa eram o Brás, Belenzinho, Mooca. Depois Mooca foi avançando, o Brás foi se estendendo e formou-se esses gigantes [...] Lá moravam os italianos, os espanhóis. A classe alta morava em Higienópolis, Vila Buarque, Campos Elíseos. Depois se estendeu para o jardim América, já em 34, 35. Quando se abriu a Avenida Paulista, tinha chácaras de frutas [...] os Matarazzo moravam lá, foram os primeiros... (BOSI, 1987, p. 168-176)

Em suas memórias, as lutas e situações políticas desenham, em uma sequência de agremiações – Partido Democrático, o integralismo, o comunismo, Getúlio e o Estado Novo, Dutra – o panorama de marcos referenciais de sua vida, que se mesclam com o movimento modernista e seu trabalho no Serviço Sanitário.

Compõe percursos pelo interior do estado e pela capital paulista, momentos difíceis, como o despejo da casa alugada, superado, entretanto, pela aquisição de casa própria, possibilidade aberta pelo Instituto de Previdência. (BOSI, 1987)

A vida de Dona Alice também se iniciara no interior paulista; nascera em Aparecida do Norte, neta de avós moradores de Guaratinguetá, e mudara-se para São Paulo com três anos. Inicia sua narrativa ao lembrar que sua mãe trabalhara na casa do Dr. Cyrillo Júnior, um dos maiores advogados daquela época, acrescenta, no bairro dos Campos Elíseos, “região dos palacetes senhoriais [...] naquele tempo era residencial como, hoje, o jardim América; ali moravam condes em palacetes”, onde também fizera seu curso no Grupo Escolar do Triunfo. Entretanto, a voracidade na expansão urbana a região se transformara: “aquele bairro ficou horrível, [...] dá uma dor no coração.” Lembra a gripe espanhola e desfia em seguida, a sequência de lugares nos quais, a partir dos 10 anos, trabalhou. Em suas lembranças, os vários percursos entre sua casa e as oficinas de costura são muito presentes – “naquele tempo era calmo”. Na década de 1920, com 15 anos,

Eu ia de lá do Bom Retiro, subia a José Paulino, passava na Estação... sempre a pé. Ou vinha pela Alameda Cleveland, atravessava o Coração de Jesus, passava ali no Largo General Osório [...] Ia a pé até a Rua Marquês de Itu, lá na Vila Buarque, perto da Santa Casa, era longe! [...] eu nunca almoçava. Eu morava na Rua dos Italianos, num quarto junto com minha mãe, diziam cortiço. (BOSI, 1987, p. 59)

194

“No quarto não tinha luz, quando eu costurava à noite, acendia lampião, vela, lamparina...” Dona Alice lembra que só tinha a roupa que usava todos os dias e lavava nos domingos, o que a impedia de passear nos domingos, “nem para o centro da cidade ia”. Somente anos depois, transpôs o obstáculo da pobreza e relembra as visitas à prima:

Mais tarde, quando conheci a cidade, ela era uma maravilha, a Barão de Itapetininga com as lojas finas, a Rua Direita com a Sloper, a Casa Alemã [...] Eu tomava o ônibus, descia no largo da Sé... veja quanto eu andava! Do Largo da Sé, tomava a Rua Direita, atravessava o Patriarca, do Patriarca entrava na Barão de Itapetininga, [...] saía na Praça da República. [...] Gostava da volta, a garoa caindo no meu rosto, eu andando bem devagarinho, todo o viaduto fazia um passo bem curtinho... O centro da cidade era bonito, era bonito sim! As mulheres andavam de chapéu e luva na cidade, como num passeio. A Praça do Patriarca não mudou muito, mas a Rua Direita de hoje não é nem a sombra da que foi naquele tempo. (BOSI, 1987, p. 60-61)

Suas memórias guardam e desdobram o registro de lugares marcados pelo cotidiano e por certos eventos. “Quando chovia muito, a baixada do Bom Retiro ficava a Veneza brasileira. [...] Para nós, os moços, aquilo era uma alegria, quando

o Tietê transbordava”. Morou com sua sogra, família italiana, “era uma artista, fazia enxovais para as famílias mais antigas de São Paulo”. Pode, assim, usufruir do lazer proporcionado pelos parques: “Íamos ao piquenique na Cantareira, no Parque Antártica [...] nos domingos, íamos passear no Jardim da Luz, que era uma beleza.” Bailes de carnaval na Praça da República, o corso nas Avenidas Paulista e Rangel Pestana. Mudara para a Rua dos Alpes no Cambuci, a filha pequena, e puxa da memória a “Revolução do Izidoro Dias Lopes”, em 1924, que obrigara as famílias a deixarem suas casas no bairro. Afirma, porém, nada lembrar “da revolução de 32; a fábrica nunca falhou um dia de trabalho”. O filho piloto que a levava em passeio aéreo pela cidade. Agradece, emocionada, à Ecléa Bosi por ter lhe oferecido a oportunidade de abrir o livro de sua vida: “é bom a gente lembrar. Deus te abençoe.” (BOSI, 1987, p. 51-76)

Esses são dois dos oito depoimentos registrados por Ecléa Bosi. São memórias recolhidas em longas entrevistas e trazem as folhas ou camadas “arqueológicas” das vidas de pessoas que, na década de 1970, tinham em comum terem mais de 70 anos e coabitado a cidade de São Paulo. Somados aos escritos de memorialistas, as memórias recolhidas por Bosi constituem um rico material para o ensaio de leitura de bairros, se aceitarmos as propostas de Cauquelin e Benjamin.

Tal como os percursos dos dois filósofos por duas cidades – Paris e Berlim – os bairros e as ruas palmilhados, seja por personagens ficcionais, memorialistas, ou relatados em depoimentos, os registros configuram uma cidade expressa do ponto de vista afetivo. Toda ela pontuada por memórias de lugares vivenciados, repletos de *insights* que iluminam momentos que compõem uma cidade, e, talvez, pouco importe, ou melhor, sejam mesmo significativos certos “lugares comuns”, tão presentes como referências obrigatórias. A cidade desenhada pelos percursos topográficos de seus habitantes aparece escandida em recortes precisos e difusos que guardam peculiaridades ressaltadas nos relatos. Recortes apreensíveis na configuração de “bairros”, sempre marcados pela apropriação pessoal e/ou coletiva de parcela específica dos habitantes, repisada em percursos obrigatórios – ir e vir casa-escola, casa-trabalho, casa-lazer – e definidos pelos hábitos de compras, de divertimentos, de religiosidade, de amizade.

Se o urbanista Rykwert (2004, p. 7) propõe uma trajetória sensível pelas cidades, na qual abre espaço a sensações proporcionadas por contatos sensoriais, Giulio Carlo Argan, historiador da arte, (ARGAN, 1993, p. 43) adverte que, para além do seu traçado regular e distribuição ordenada de funções públicas e privadas, do conjunto de edifícios representativos e utilitários, devemos considerar “o espaço



GUA BRANCA

RIO CANAL

TIETÊ

VILLA CERQUEIRA CESAR

ARACÁ

OLINDA

VILLA MARIANNA

PLANTA
do Município da Capital
DE SÃO PAULO

Escala de 1:300.000



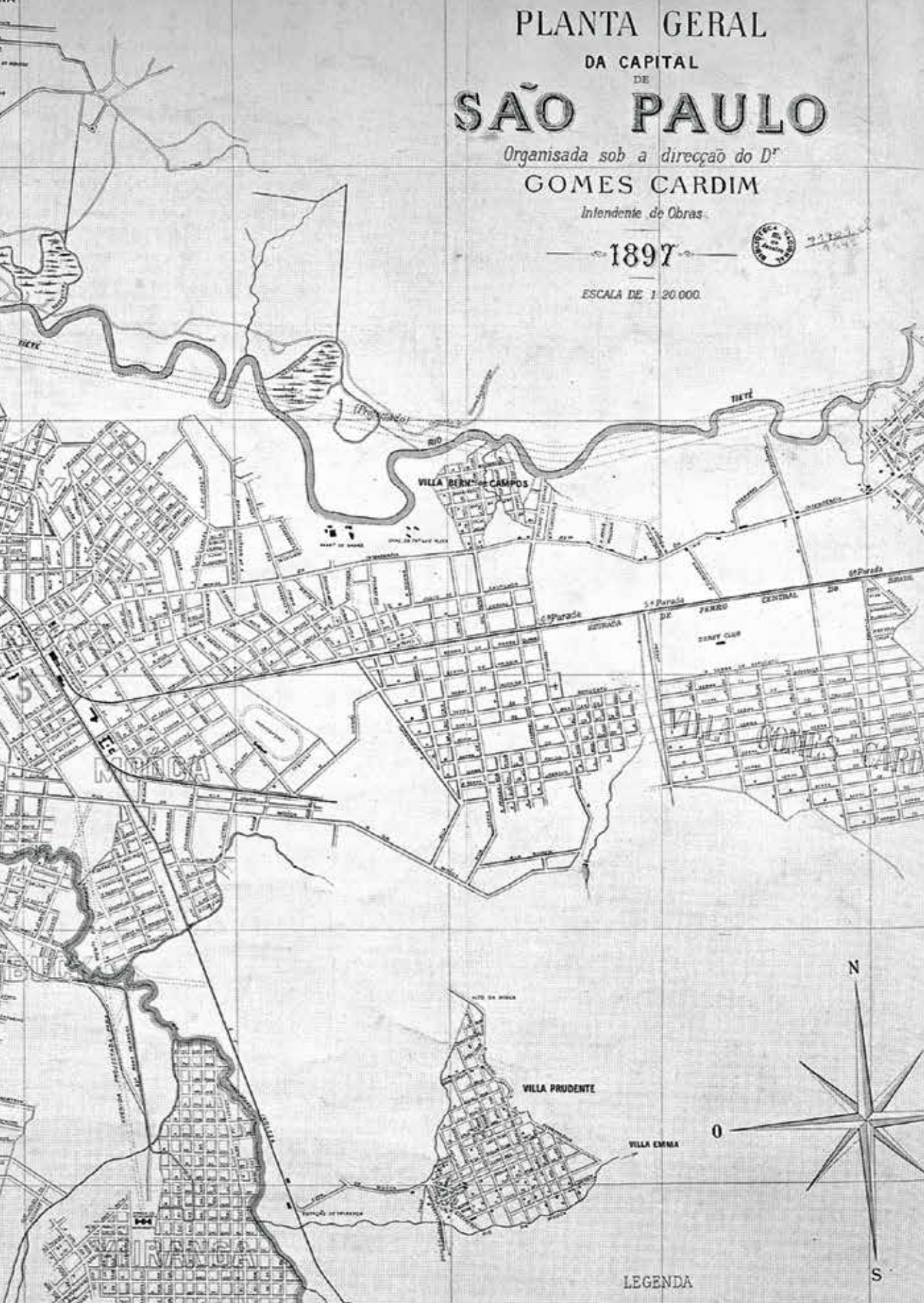
PLANTA GERAL
DA CAPITAL
DE
SÃO PAULO

Organisada sob a direcção do D.^r
GOMES CARDIM

Intendente de Obras

1897

ESCALA DE 1:20.000




LEGENDA

figurativo”, pois o espaço, diz ele, “não é feito apenas daquilo que se vê, mas de infinitas coisas que se sabem e se lembram, de notícias”. Obteríamos, com essa aproximação, não um mosaico, mas um tecido compósito: “A cidade resultante da experiência inconsciente de cada habitante”, seus percursos pontilhados, desenhados e redesenhados, comporiam sobre a transparência de gráficos superpostos,

[...] uma imagem muito semelhante à de uma pintura de Jackson Pollock, por volta de 1950: uma espécie de emaranhado inextricável de sinais, de traços aparentemente arbitrários, de filamentos tortuosos, embaraçados, que mil vezes se cruzam, se interrompem, recomeçam e, depois de estranhas voltas, retornam ao ponto de onde partiram. (ARGAN, 1993, p. 231)

Diversa daquela apresentada pelos viajantes interessados em organizar um percurso de conhecimento e de reconhecimento, anotar, classificar e fornecer informações quase compostas no modelo de um guia turístico ou num modo formal de apresentar a cidade. Embora, no caso de Moreira Pinto, haja traços afetivos de lembranças de sua vivência na cidade do final dos anos 1860, em franco contraste com a cidade que percorre passados trinta anos, eles se limitam às primeiras páginas de introdução ou ao lembrar seus dias de estudante na Faculdade de Direito. Um olhar arguto, escorado em informações preciosas dispostas para o leitor a partir de campos conceituais bem delimitados, que lhes permitem aproximarem-se da materialidade edificada, inflar-lhe a vida com retalhos escolhidos e recortados, às vezes recobertos com traços de lembranças, suas ou escutadas, relidas em publicações antigas ou atuais. Olhar em franco contraste com a do habitante que palmilha esse espaço, nele faz, fez e refez percursos, marcados certos pontos nevrálgicos por recordações, boas ou dolorosas, pessoais e ao mesmo tempo coletivamente conjugadas. O desenho de uma dimensão imaginada, imagem mental que, diz Argan (1993, p. 43-44), “cada um faz do espaço da vida, dado o mesmo fundo de experiência, é a mesma, com exceção de pequenas diferenças específicas, para todos os indivíduos do mesmo grupo.” A vívida imagem de uma cidade escandida, “recortada em tantos detalhes quantos demandam o tempo de aprendizado e de trabalho, de sucesso e derrota na vida de um homem”. Ao aceitar o convite de Cauquelin, ensaiamos recontar uma cidade, São Paulo, “pelo ângulo das memórias que a habitam”, modos como o olhar do viajante a representa cruzado pelas dimensões das memórias

de seus habitantes, ângulo “capaz de revelar figuras desconhecidas do geógrafo ou do observador exterior, dobras de memórias cujo papel é importante na vida ou morte de um bairro, de uma aldeia, de uma cidade.” (CAUQUELIN, 1982, p. 31-35). 

¹ Texto apresentado oralmente no III Encontro Cidades Latino-Americanas do século XVI ao XIX (Rio de Janeiro, 2012) e publicado no livro *Cidades do Novo Mundo. Ensaios de urbanização e história* (Rio de Janeiro, Garamond, 2014). Agradecemos à Fania Fridman do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), organizadora do encontro e do livro, e Ari Roitman, da editora Garamond, pela autorização para publicação deste artigo.

² Não consta a data de publicação de *Infância em Berlim* por volta de 1900, talvez estivesse entre os inéditos descobertos após sua morte

³ Para a noção de verossimilhança e sua força imagética de aproximação com o vivenciado pelo leitor, remeto ao *Essai sur les fictions* de Germaine de Staël in *Essai sur les fictions* suivi de *Del'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*, Paris: Editions Ramsay, 1979. A edição original francesa é de 1795.

⁴ É interessante notar o grande lapso de tempo entre a Provisão de 5.4.1560 que cria o município, logo após a definição do distrito Sul da Sé criado em 25 de janeiro de 1554, logo data da fundação do núcleo ori-

ginal, e a criação de outros distritos somente no final do século XVIII e o século XIX: Nossa Senhora do Ó – Lei de nº 26.3.1795; Penha de França – Lei de 26.3.1796; Santa Ifigênia – Lei de nº 21.4.1809; Brás – Alvará de nº 8.6.1818; Brás – Alvará de nº 8.6.1818; Norte da Sé – Lei nº 15.10.1827; Sant’Ana – Lei de nº 4.4.1889; e os demais citados por ele, já na década inicial do período republicano. (PINTO, 1979, p. 266)

⁵ SILVA, Bruno, Ernani da. *História e tradições da cidade de São Paulo. v.3. Metrópole do café (1872-1918), São Paulo de Agora (1919-1954)*, São Paulo: Ed. Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo/ Secretaria Municipal de Cultura, 1984.

ALMEIDA, G. *Cosmópolis* (São Paulo/29). 8 reportagens, carvões de A. Gomide. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

ARGAN, G. C. A história da arte. In: _____. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 43.

BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1987.

CAUQUELIN, A. *Essai de philosophie urbaine*. Paris: PUF, 1982.

FREUD, S. El Malestar en la Cultura [1929-1930]. In: _____. *Obras completas*. Madri: Biblioteca Nueva, [1929-1930].

GOULART, Nestor. *São Paulo. Vila, Cidade, Metrôpole*. São Paulo: Bank Boston - Prefeitura de São Paulo, 2004.

MOURA, P. C. de. *São Paulo de outrora (evocações da metrôpole)*. Belo Horizonte: Itatiaia: Ed. USP, 1980.

_____. *São Paulo de outrora (Evocações da metrôpole)*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

PINTO, A. M. *A Cidade de São Paulo em 1900 [Ed.fac-similada]*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

RAFFARD, H. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977.

RIKWERT, J. *A sedução do lugar. A História e o Futuro da Cidade*, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Bruno, Ernani da. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1984.